

# Coro e Orquestra Gulbenkian

**Joana Carneiro**

Concertos Participativos



**07 + 08 mar 26**

**07 mar 26** SÁBADO 18:00

**08 mar 26** DOMINGO 18:00

GRANDE AUDITÓRIO

## **Coro e Orquestra Gulbenkian**

### **Coro Participativo**

**Joana Carneiro** Maestra

**Jean Paul Buchieri** Direção cénica

**Eduarda Melo** Soprano (Jesus, Pedro)

**Biella Da Costa** Voz (Judas, Jesús I, Jeremias)

**José Debray** Cantor cubano (Marcos)

**Sandro Luz** Capoeirista (Pescador)

**Gonzalo Grau** Piano, Percussão e Direção musical

**Mikael Ringquist** Percussão e Direção musical

**Marcus Santos** Percussão

## **Oswaldo Golijov**

*A Paixão segundo São Marcos*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 40 min  
CONCERTO SEM INTERVALO

## **Coro Gulbenkian**

### **Maria Bustorff**

Contralto (Jesús)

### **Patrícia Manso**

Contralto (Jesús II)

### **Jaime Bacharel**

Tenor (Jesús III, Marcos)

### **Frederico Projecto**

Tenor (Homem solo, Marcos)

### **Nuno Raimundo**

Tenor (Marcos)

### **Alexandre Gomes**

Baixo (Marcos)

### **Madalena Barão,**

### **Patrícia Manso,**

### **Maria Bustorff**

Contraltos (Mulheres)

## **Inês Tavares Lopes**

Maestra do Coro Gulbenkian

**João Cachulo** Iluminação

**Ricardo Junceiro** Cenografia

**Pedro Costa** Desenho de som

**Inês Madeira Lopes** Assistente de encenação

**João Caldas** Assistente musical

**Joana Cornelsen** Maquilhagem e cabelos

**Carolina Furtado** Assistente de guarda-roupa

**Otelo Lapa** Direção de cena

**Daniela Oliveira** Direção de cena

**Camila Menino** Assistente de direção de cena

# Oswaldo Golijov

(La Plata, 1969)

## A Paixão segundo São Marcos

—

COMPOSIÇÃO 2000

ESTREIA Estugarda, 5 de setembro de 2000

DURAÇÃO c. 1h 40 min

*A Paixão segundo São Marcos* de Oswaldo Golijov (1960), compositor argentino de confissão judaica e origens romena e ucraniana (nascido em La Plata), parece, à primeira vista, um objecto estranho, inclassificável e, efectivamente, se pensarmos nos modelos óbvios deste género, as duas mais belas e impressionantes *Paixões* de Bach (*São Mateus* e *São João*), a *Paixão segundo São Marcos* de Golijov parece muito afastada de uma tradição musical originalmente cristã católica mas tomada, musicalmente falando, pelos compositores luteranos do Barroco, como Heinrich Schütz ou Johann Sebastian Bach. Essa estranheza não deriva somente de uma diferença de tradição, mas também do tipo de música e de adaptação do texto que esta *Paixão* propõe. Mas existem, como veremos, alguns antecedentes e contextos, que deixaremos para mais tarde.

Por agora temos o modelo: Bach. Porém, com Bach, morre também – embora não para sempre, como veremos adiante – o género; a secularização crescente da sociedade europeia e a mudança do Barroco para o Iluminismo, com a música a tornar-se cada vez mais orquestral e instrumental e a substituir as velhas formas religiosas da Missa ou da Cantata pela

Sinfonia e a Ópera, dará uma machadada final, final durante quase dois séculos, quando a segunda metade do século XX, a começar por Penderecki e a sua *Paixão segundo São Lucas* (não por acaso evitando o compositor polaco o confronto com *Mateus*, *João* ou *Marcos*, por causa de Bach, certamente!) entrar na cena musical de forma inelutável. Depois dessa obra-mestra, outras *Paixões* surgem, em particular a belíssima e muito interpretada *Paixão segundo São João*, de Arvo Pärt (1982) que é, juntamente com a de Penderecki, a mais conhecida da segunda metade do século XX.

Ora, este interesse crescente pelo género quase operático que é a dramatização musical dos quatro Evangelhos que relatam, cada um à sua maneira e até com fortes diferenças entre si, a Paixão de Cristo (embora o essencial se mantenha, obviamente, inalterado), agora já não somente, ou na maioria, provindo de compositores luteranos (Penderecki era católico e Pärt é Cristão Ortodoxo...) levou o maestro alemão Helmuth Rilling, fundador e director da Internationale Bachakademie Stuttgart, a encomendar para esta academia, em 1996, quatro novas *Paixões* (a Wolfgang Rihm, Sofia

Gubaidulina, Tan Dun e Osvaldo Golijov), obras destinadas a comemorar, no ano de 2000, o 250.º aniversário do nascimento de Johann Sebastian Bach. Inicialmente concebido para celebrar a *Paixão segundo São Mateus*, a mais conhecida e, talvez, a maior obra sacra de toda a História da Música Ocidental, o projecto, intitulado “Paixão 2000”, resultou assim na celebração tripla de uma obra, de um aniversário, e de um género, também ele, como Cristo, ressuscitado do esquecimento, se bem que, na maioria das *Paixões* musicais, a Ressurreição não faça parte das mesmas, focadas nos aspectos mais dramáticos do sofrimento de Cristo.

As quatro encomendas previam que o texto dos quatro Evangelhos (os ditos “Canónicos”) fosse, naturalmente, usado e respeitado, algo que colocou de imediato entraves à aceitação, por Golijov, de religião judaica, dessa encomenda tão peculiar e rara. Sem entrar, por razões até de espaço e de contexto, dentro da polémica que decerto continuará pelos séculos vindouros, e à luz do nosso entendimento actual, os quatro Evangelhos contêm, todos eles, algumas passagens que podem ser consideradas anti-semitas. Se o são realmente, ou se podem ser interpretadas de outra

forma pelos exegetas bíblicos, tal não nos concerne decidir no espaço destas notas, mas podemos decerto compreender as reticências de Golijov em relação a um tema tão complexo como musicar um tal texto, isto sem contar (reacção que qualquer compositor, e decerto os restantes três terão tido) com o confronto directo com Bach, o exemplo ao qual quase todos quantos se seguiram, foram beber algo, de Mozart e Beethoven a Schumann, Chopin, Stravinsky, Schönberg, Penderecki ou Gubaidulina. De entre os “grandes”, somente Debussy e Ravel nunca se impressionaram demasiado com os feitos do *Kantor*; a sua estética “impressionista”, a “légèreté” francesa não o possibilitaria, mesmo nos momentos mais neoclássicos de ambos. Porém, Bach manter-se-á, ainda hoje, uma referência primordial, um “folclore universal”, como o definia Heitor Villa-Lobos. E Bach, se nunca escreveu óperas (género demasiado frívolo, embora ele lhe achasse graça, para compositor tão profundo e religioso), meteu nas *Paixões* todo o dramatismo operático de que era capaz.

Entre árias, coros, recitativos, momentos alucinantes da “turba” (a multidão), a “aura” musical que envolve Cristo, a diferenciação musical dos “personagens”

da história, a constante invenção melódica, harmônica, rítmica e tímbrica da obra, as inúmeras alusões simbólicas, musicais, religiosas e matemáticas que a música encerra fazem – em particular da *Paixão segundo São Mateus* – uma ópera sacra, um drama wagneriano de proporções bíblicas (quase 3 horas de música) mas com recursos modestos para os dias de hoje. Golijov vai, também ele, usar recursos relativamente modestos (estamos muito longe da orquestra gigante de Wagner ou Strauss), e, embora com uma duração mais moderada, contar a história de uma forma empolgante, variada, inspiradíssima, para o que contribui a linguagem musical que, essa sim, não podia deixar de ser mais diferente da de Bach, não tanto no uso do tonalismo (a obra é francamente consonante, e até tradicional desse ponto de vista, sem os modernismos radicais típicos da segunda metade século XX e XXI), mas do ponto de vista da estética. Se bem que em Bach existam elementos musicais oriundos de uma prática popular, estes são muito menos evidentes do que em Scarlatti ou Rameau, para citar somente dois outros grandes nomes da sua época. Golijov, pelo contrário, baseia toda esta obra numa mistura de erudito com popular, pendendo no entanto a balança para os elementos populares, que

vão desde o estilo de canto, da melodia, dos ritmos sul-americanos em particular, até às cores da orquestra, dominada pelas percussões “características”, naipes que é o mais rico e numeroso de todos quantos constituem a orquestra moderna. Assim, temos uma verdadeira *Paixão* popular, na tradição, na verdade, de muitos “Mistérios” medievais que eram interpretados ao ar livre, destinados ao povo, e, muito provavelmente, acompanhados pela música simples de menestréis, ou, até, por tocadores e cantores iletrados, humildes camponeses com as suas rabecas, flautas e tambores, que já os havia.

Também a união de música de estilo popular, nomeadamente na América Latina não é uma total novidade. Lembro, entre outras, a *Misa Criolla*, de Ariel Ramirez (datada de 1964), outro compositor argentino, como Golijov, e que tanto sucesso fez na estreia e desde aí. Existem, aliás, musicalmente, muitos pontos em comum entre ambas as obras, sendo impossível que Golijov não conhecesse a *Misa Criolla* quando escreveu a sua versão da *Paixão de Cristo*.

Também a mistura do texto sacro com outros textos, alguns profanos, não é uma novidade. Britten, de certa forma,

inaugurará a prática com o seu dramático *Requiem da Guerra* (1961-62), no qual junta as secções do *Requiem* latino com os desolados textos de um poeta caído na 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial, Wilfred Owen (1893-1918). Aqui, Golijov, como Britten com o latim e o inglês, usa o castelhano e o aramaico, fazendo uma ponte linguística entre o tempo e a geografia de Cristo e o seu próprio tempo e geografia, sendo que o Cristianismo das Américas latinas, com grande influência, obviamente, de África, é talvez o mais exuberante, rico e dramático de todos.

Golijov usa, para além do *Evangelho de Marcos*, o *Kaddish* (com o qual se termina, aliás, a obra), as *Lamentações* do profeta Jeremias, os *Salmos* 113 a 119, e ainda textos da escritora galega Rosalía de Castro, artista e mulher emancipada, o maior ícone, ainda hoje, da cultura galega. O espírito do Concílio Vaticano II, que já inspirara a *Misa Criolla* não está, pois, mesmo para um judeu, muito distante. Também o Papa João XXIII quis que o Evangelho fosse compreendido pelo povo, na sua língua, e não tornado apenas um ritual em latim cuja mensagem desaparecesse atrás de uma língua morta. Golijov vai muito mais longe, mais longe ainda do que teologias polémicas como a

Teologia da Libertação, mas, Golijov não é um teólogo nem um homem de Igreja, “apenas” um artista que interpreta a obra como entende e com toda a liberdade, não estando adstrito a regras canónicas, de o fazer.

E é assim a vez de, e depois destas considerações, dar a palavra ao compositor, que sobre alguns aspectos desta *Paixão* nos recorda (reflexões retiradas do “site” oficial do compositor):

“Quero registar — assim como Rembrandt registou os judeus, quero registar os cristãos, simplesmente isso. Por exemplo, a minha bisavó possuía um quadro de Rembrandt: ‘Jeremias Lamentando a Queda de Jerusalém’. Este quadro é a maior pintura judaica de todos os tempos, e Rembrandt não era judeu, mas viveu entre eles. Não posso aspirar a ser Rembrandt mas, se ao menos uma parte da *Paixão* tiver tanta verdade sobre o cristianismo como as pinturas de Rembrandt têm sobre o judaísmo, já estarei satisfeito, e isso basta-me.”

E, na reveladora entrevista que Golijov concedeu a David Harrington quando estava a escrever a obra, entrevista também constante do “site” referido, aquele vai ainda mais longe na sua visão “herética”,

chamemos-lhe assim, de um Cristo sofredor. Quanto Harrington pergunta a Golijov se este se baseou nalguma das Paixões históricas para escrever a sua, a resposta foi esta:

“De forma alguma. Não, porque o principal nesta Paixão é apresentar um Jesus sombrio, e não um Jesus europeu, pálido. Será sobre os últimos dias de Jesus na Terra vistos através da experiência latino-americana e o que isso implica. É algo que eu preciso fazer, no sentido em que, se és uma criança judia a crescer num país oficialmente católico, com todos os teus amigos a irem à missa, queres perceber o que se passa. Felizmente, o ser compositor permite-me isso. Não sinto um peso teológico, mas quero descobrir a verdade. É mais do que mera curiosidade, é uma curiosidade ardente. Preciso entender por que tantas pessoas agiram da maneira como agiram quando eu era criança na Argentina. Realmente não entendo, e preciso entender.

O que eu quero fazer, David, é relacionar a Paixão com alguns ícones da história da América Latina. Por exemplo, existem algumas semelhanças entre as vidas de Jesus e Che Guevara. Quando Jesus permanece em silêncio perante todos os

insultos, cuspidelas e pedras que lhe são atiradas, lamenta-se, pois não consegue acreditar que os seus próprios seguidores o abandonarão, mas ao mesmo tempo diz “mas é assim que está escrito”.

Jesus está basicamente a escrever a sua própria sentença de morte. Eu li trechos dos diários que Che Guevara escreveu pouco antes de ser morto – ele sabia que estava a passar fome, sabia que ia morrer – mas ainda assim teve a coragem de escrever como seria – e foi exatamente assim que se passou. Quando o Che morreu, as mesmas pessoas que o traíram para a CIA e para os soldados bolivianos, alguns camponeses, foram cortar mechas de seu cabelo como relíquias.”

SÉRGIO AZEVEDO

## Joana Carneiro

Muito solicitada internacionalmente, também em função do seu interesse pela música contemporânea, Joana Carneiro regressou recentemente ao London Coliseum, com a English National Opera, para a estreia de *Mary, Queen of Scots*, de Thea Musgraves. Anteriormente, dirigiu *The Handmaid's Tale*, de Poul Ruders, e *The Gospel According to the Other Mary*, de John Adams, com encenação de Peter Sellars. Com a Ópera Escocesa, dirigiu *Nixon in China*, em Glasgow e Edimburgo. Em 2023, dirigiu a estreia da produção de bailado *Pit*, de Bobbi Jene Smith, na Opéra Garnier, em Paris.

Na temporada passada, Joana Carneiro concluiu um mandato de quatro anos como Maestra Convidada Principal da Real Filharmonía de Galicia. Foi Maestra Convidada da Orquestra Gulbenkian (2006-2018), Maestra Titular da Orquestra Sinfónica Portuguesa (2014-2022) e Diretora Musical da Sinfónica de Berkeley (2009-2018). É Diretora Artística do Estágio Gulbenkian para Orquestra. Em 2002, foi *American Symphony Orchestra League Conducting Fellow* na Filarmónica de Los Angeles. Tendo desde cedo impressionado pelas suas vibrantes atuações, trabalhou com os maestros Esa-Pekka Salonen, Kurt Masur e Christoph von Dohnányi e dirigiu a Filarmónica de Londres como uma das três maestras escolhidas para a Allianz Cultural Foundation International Conductors Academy. Natural de Lisboa, diplomou-se em Direção de Orquestra pela Academia Nacional Superior de Orquestra, onde estudou com Jean-Marc Burfin. Concluiu um mestrado na Northwestern University, com Victor Yampolsky e Mallory Thompson, e um doutoramento na Universidade do Michigan, com Kenneth Kiesler. Em 2004 foi agraciada pelo então Presidente da República, Jorge Sampaio, com a *Comenda da Ordem do Infante D. Henrique*. Em 2010 recebeu o Prémio Helen M. Thompson, atribuído pela Liga das Orquestras Americanas.

## Jean Paul Bucchieri

Jean Paul Bucchieri nasceu em Itália e reside em Portugal desde 1993. Encenador, investigador e pedagogo, em 2007 frequentou e concluiu o Curso de Encenação de Ópera, no âmbito do *Programa Criatividade e Criação Artística*, da Fundação Calouste Gulbenkian, onde apresentou *Raphael, Reviens!*, de Bernard Cavanna, com direção musical de Cesário Costa. Concluiu o Doutoramento em 2011 na FMH da ULisboa, com uma bolsa da FCT, e em dezembro de 2023 acabou um Pós-doutoramento no Instituto de Educação da ULisboa, sobre a relação entre a encenação, a pedagogia e a investigação em arte, que acaba de ser publicado. Faz parte do Corpo Docente da Escola Superior de Teatro e Cinema. É membro do CIAC. Destaca-se a sua participação em projetos de Bob Wilson como assistente e intérprete. Como encenador, apresenta regularmente os seus projetos nas áreas das artes performativas, do teatro e da ópera desde 1994. Ultimamente destacam-se as encenações de *L'Histoire du soldat*, de Stravinsky, na Fundação Gulbenkian, com direção musical de Lorenzo Viotti (2020), *O Dicionário da fé*, com textos originais de Gonçalo M. Tavares, no TNDM II (2021), *Don Giovanni o dissoluto*, a partir de José Saramago e W. A. Mozart, com direção musical de Nuno Coelho, na Fundação Gulbenkian (2022), *Exposição Temporária, uma pintura de Chagall e A Flauta Mágica de Mozart*, no CCB (2024) e *Livro XI das Confissões de Santo Agostinho*, no Teatro São Luiz (2025). Em 2023, na Padaria do Povo, em Lisboa, começa o projeto *Episódios para um actor (só)*, onde já estreou *Para nada* (2023), de Samuel Beckett, *A rapariga de Amesterdão* (2024), de Ety Hillesum, *Amar um cão*, de Maria Gabriela Llansol (2025) e *A loucura do dia*, de Maurice Blanchot. Realiza uma investigação científica sobre o trabalho do intérprete e a sua relação com as artes performativas.

## Eduarda Melo

Formada em Canto pela Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo do Porto, Eduarda Melo integrou o Estúdio de Ópera da Casa da Música e o elenco do prestigiado CNIPAL, em Marselha. Foi galardoada com o 2.º Prémio do Concurso Internacional de Toulouse. É convidada a atuar regularmente em festivais na Europa e a apresentar-se em prestigiados palcos de ópera como os de Glyndebourne, Marselha, Lille, Nice, Caen, Dijon e Paris. Cantou sob a direção de maestros de renome como Marc Minkowski, Jérémie Rohrer, Ton Koopman, Hervé Niquet, Jean-Claude Casadesus ou Antonello Allemandi.

No domínio da ópera, destacam-se os papéis de Bellezza (*Il Trionfo del Tempo e del Disinganno*), Adelle (*O Morcego*), Irmã Constance (*Dialogues des Carmélites*), Eurídice (*Orfeu e Eurídice*), Corinna (*Il viaggio a Reims*), Rosina (*O barbeiro de Sevilha*), Elvira (*L'italiana in Algeri*), Norina (*Don Pasquale*), Musetta (*La bohème*), Despina (*Così fan tutte*), Zerlina (*Don Giovanni*), Primeira-dama (*A flauta mágica*) e Elle (*La voix humaine*). Trabalha regularmente com o Ludovice Ensemble e o Concert de la Loge (Julien Chauvin).

Em 2025/26, destacam-se o papel de Zerlina (*Don Giovanni*), na Opéra Grand Avignon, e a *Paixão segundo São Marcos*, de Osvaldo Golijov, na Fundação Calouste Gulbenkian, sob a direção de Joana Carneiro.

## Biella Da Costa

Biella Da Costa é uma das vozes mais aclamadas e versáteis da Venezuela. Foi galardoada com o *Premio Nacional del Artista* em duas ocasiões. Partilhou o palco com artistas internacionais como Eric Clapton e Ray Charles, entre outros. Atuou em prestigiados festivais e em salas de jazz na Europa, na América do Norte, na Rússia e na Austrália. Desde novembro de 2000, interpreta *La Pasi3n segun San Marcos, Ayre e Oceana*, de Osvaldo Golijov.

Biella Da Costa conta com inúmeras gravações no seu currículo: “El Sueño”, com Casablanca, “Solo Jazz”, “Jazz & Blues” e “Biella Da Costa en Navidad”. Participa ainda em “Monk in The Sun”, uma homenagem a Thelonious Monk lançada nos EUA. Em 2009, gravou *La Pasi3n segun San Marcos*, de Golijov, no Teatro Carré, na Holanda. Apresentou-se no Carnegie Hall, na Orquestra Sinfónica de Boston, na Ópera de Sydney e em muitos outros palcos a nível internacional.

## José Debray

Músico, cantor, compositor e arranador, José Debray estudou guitarra clássica, orquestração, instrumentação, arranjo e harmonia, especializando-se em big band e música cubana.

Em Cuba, trabalhou como compositor e arranador para a Rádio Arte, a mais importante produtora de radionovelas cubanas, e simultaneamente como diretor musical do grupo Arimao. Em Portugal tem colaborado, em palco ou em estúdio, com músicos de estilos tão diversos como Vitorino, Boss AC, Nelo Carvalho, Emanuel, Nanci Vieira, Matias Damásio, Luís Represas, Eneida Marta, entre outros. Atualmente, faz parte do projeto Havana Social Club como cantor e *tresero*, e do grupo Cuba Libre como cantor, *tresero*, arranador e diretor musical.

## Sandro Luz

Sandro Luz, conhecido na comunidade da capoeira como “Fominha”, é um educador de 38 anos e um dos fundadores da Academia de Capoeira de Lisboa. Nascido na capital e criado nas periferias da Amadora, encontrou nesta arte, desde muito cedo, uma âncora de resgate social e uma via de desenvolvimento positivo num contexto escolar desafiante para a sua geração. Com um percurso que cruza o atletismo, o futebol, o yoga e a dança, construiu uma visão integrada do movimento. Esta transversalidade guiou-o até ao Curso Superior de Educação Física na Universidade Lusófona. No início do ensino superior deu-se o grande reencontro com a Capoeira, altura em que iniciou o seu percurso profissional com projetos de cariz social em escolas, centros educativos e zonas de intervenção prioritária.

Sandro é aluno da Escola Nestor Capoeira, onde aprimora a sua técnica com o Mestre Itapuã Beiramar. Movido pela paixão pelo ensino infantil, especializou-se na metodologia Brincadeira de Angola, certificada pelo Instituto Brasileiro de Capoeira e Educação, e é Treinador Nível 1 reconhecido pela Federação Portuguesa de Capoeira. Criou a “Escolinha De Capoeira” – o primeiro projeto a nascer da Academia de Capoeira de Lisboa –, onde concentra hoje a sua missão pedagógica junto de crianças e jovens. Paralelamente, o seu percurso adulto expandiu-se no espaço Art Kaizen. Em 2018, começou a lecionar aulas regulares e, influenciado pelo trabalho de Kwenda Lima, aprofundou a sua relação com a dança, tornando-se membro da Companhia Art Kaizen aquando da sua criação. Para Sandro, a essência desta arte reside no “jogo”. Mais do que a componente estritamente marcial ou lúdica, é através do jogo que a Capoeira manifesta a sua verdadeira força pedagógica, terapêutica e de intervenção social – um espaço onde se desenvolve não apenas a técnica, mas a imprescindível relação com o outro e consigo mesmo.

## Gonzalo Grau

Diplomado *Summa cum laude* pelo Berklee College of Music, Gonzalo Grau afirmou-se como multi-instrumentista, compositor, produtor e arranjador. Lidera dois projetos próprios, *Plural* e *La Clave Secreta*, nomeado para o *Grammy* de “Melhor Álbum Tropical”.

Algumas das suas produções incluem *West Side Story*, com Katia e Marielle Labèque (*Choc de Classica*), *La Pasión según San Marcos*, de Golijov (Prémio ECHO 2010), *México*, com Rolando Villazón (Prémio ECHO 2011) e *Nazareno*, com as irmãs Labèque (Deutsche Grammophon).

Como compositor e arranjador, as suas realizações incluem colaborações com Osvaldo Golijov nas obras *Ainadamar* e *La Pasión*.

As encomendas para obras originais incluem: Sinfónica de Atlanta, Sinfónica de Chicago, Katia e Marielle Labèque, Academia Internacional Bach (Prémio de Compositor Europeu 2011), Orquestra Boston Landmarks, Brooklyn Rider, Boston Pops e Orquestra das Américas, entre muitas outras. Em 2019, foi nomeado para um *Grammy* na categoria de Melhor Arranjo Instrumental e Vocal. Em 2021, foi contratado pela Filarmónica de Los Angeles e pelo maestro Gustavo Dudamel para compor um concerto para quarteto venezuelano e orquestra, que estreou no Hollywood Bowl em julho de 2022. Em 2023, recebeu uma nomeação para o *Grammy Latino* na categoria de “Melhor Composição Clássica/Contemporânea” pelo seu quarteto de cordas *Aroma a Distancia*, gravado por Brooklyn Rider.

## Mikael Ringquist

O percussionista Mikael Ringquist nasceu em Estocolmo, na Suécia. Aos 17 anos, assinou o seu primeiro contrato profissional com a editora Sound of Scandinavia Records. Em 1983, mudou-se para Boston, onde concluiu os seus estudos no Berklee College of Music, em 1987, graduando-se com distinção (*Magna cum laude*) em Composição para Cinema. Durante os seus estudos em Berklee, conheceu o lendário percussionista cubano Lazaro “Watusi” Perez (também conhecido por “Cinco Tumbas”), que o iniciou no universo da percussão afro-cubana. Posteriormente, prosseguiu os seus estudos em Nova Iorque com Félix Sanabria e o mestre de batá Orlando Rios (“Puntilla”), que em 1989 o iniciou como “Omo Aña” (baterista consagrado). Em 1997, foi contactado pelo compositor Osvaldo Golijov para colaborar como consultor na criação das partes de percussão da obra *La Pasión según San Marcos* (estreia mundial em Estugarda, em 2000). Mikael compôs, transcreveu e orquestrou a maior parte das partes de percussão. Atuou na estreia mundial como chefe de orquestra e participa ativamente em todas as apresentações da obra desde a sua conceção, incluindo a Ópera de Sydney, o Carnegie Hall de Nova Iorque, o Symphony Hall de Boston, o Barbican Centre de Londres e a Casa da Música, no Porto. A sua atividade musical inclui desde atuações orquestrais com Victor Borge até ao “Concerto para Sitar” de Ravi Shankar como percussionista solista. Atualmente, é professor associado no Berklee College of Music, onde supervisiona os programas de percussão afro-cubana e brasileira.

## Marcus Santos

Marcus Santos é um conceituado percussionista contemporâneo e educador dedicado de Salvador, na Bahia, Brasil. A sua versatilidade como músico abrange o Pop, o Rock, o Hip Hop, o Jazz e a World Music, com uma forte ênfase na música afro-brasileira e no seu património cultural. Já atuou em todo o mundo, incluindo com a One World Band da MTV. Contribuiu para o filme *Rachel’s Getting Married*, nomeado para os Óscares, e recebeu inúmeros prémios como o KOSA Recognition Award, o Outstanding Arts Performer Award e o Outstanding Percussionist Award do Berklee College of Music. Em 2024, foi homenageado com o Outstanding Artist Award da Arts at the Armory, em Somerville. Partilhou o palco com artistas de renome mundial como Gypsy Kings (Espanha), Daniela Mercury (Brasil) e Brand New Heavies (Inglaterra). Em 2023, gravou a banda sonora do documentário de Ken Burns, para a PBS, *American Revolution*, e apresentou-se na *Fête de La Danse*, no Mónaco. É autor do DVD instrutivo *Modern Approach to Pandeiro* e contribuiu para o *Musically Speaking II* da BOSE. Os seus *workshops* sobre percussão afro-brasileira foram apresentados no Carnegie Hall, no PASIC e em Harvard. Atualmente, dirige o projeto *Grooversity*, liderando vinte e quatro grupos de percussão nos EUA, França, Alemanha, Bermudas e Canadá. Através das suas apresentações e iniciativas educativas, inspira músicos, promove a compreensão cultural e divulga a música afro-brasileira em todo o mundo.

# Coro Participativo

## SOPRANOS

Alexandra Fortes  
Ana Catarina Monteiro  
Ana Maia Henriques  
Anait Nikogosova  
Carlota Fole  
Dália Martins  
Joana Matias  
Julieta Murta  
Leonor Pinheiro  
Marcella Ribeiro  
Maria Eduarda de Matos  
Maria Castanho Alves  
Mariana Viana Joaquim  
Mariana de Abreu Rocha  
Marta Augusto  
Maya Alves Al-Kadri  
Rita Vagos Martins  
Rita Freitas Alexandre  
Sara Ferreira Neto

## CONTRALTOS

Adenilda Munguambe  
Alda Prezado  
Ana Lúcia Rebelo  
Ana Martins de Jesus  
Beatriz de Jesus André  
Beatriz Almeida  
Daniela Esteves  
Elsa Oliveira  
Filipa de Menezes  
Hélia Bernardo  
Márcia Simões  
Margarida da Silva  
Maria Cecília Saleme  
Maria Inês Chora  
Maria Margarida Gomes  
Patrícia Henriques  
Sara Gaspar  
Sofia Leitão  
Susana Vieira

## TENORES

Artur Leitão  
Carlos Almeida Nunes  
Carlos Marques  
David Maia  
Enmanuel Pérez  
Gil Vieira  
Humberto Ribeiro Pedro  
João Francisco Gomes  
José Diogo de Magalhães  
Manuel Beirão dos Reis  
Marco Styzei  
Osvaldo de Sá  
Ricardo Jorge Fernandes  
Simão Pedro Pereira  
Tiago Ferreira

## BAIXOS

Alfredo Domingues  
André da Silva  
Daniel Dias  
Herbert Hern  
Jorge Nogueira  
Jorge Oliveira  
José Canotilho  
Joseph Klinck  
Michael Raffaele  
Miguel Simões  
Paulo Pacheco dos Santos  
Pedro Melo Teles  
Rodrigo Tejo da Silva  
Rui Correia

## MAESTROS ENSAIADORES

Marcos Cerejo  
Eduardo Martins

## PIANISTAS ACOMPANHADORES

Joana Vieira  
Philippe Marques  
Dana Radu

## COORDENAÇÃO E PRODUÇÃO

Catarina Lobo  
Mónica Rocha  
Inês Madeira Lopes

## Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburger Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amsterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. Participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amsterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC-Music e Aria-Music, tendo registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Martina Batič é a atual Maestra Titular, Inês Tavares Lopes é Maestra Adjunta e Jorge Matta é consultor artístico.

### COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

### PRODUÇÃO

Inês Rosário

Marta Ferreira de Andrade

Inês Nunes

### SOPRANOS

Bianca Varela

Carina Matias Ferreira

Catarina Carvalho

Lucília de Jesus

Margarida Simões

Maria João Sousa

Susana Duarte

### CONTRALTOS

Laura Martins

Madalena Barão

Margarida Simas

Maria Bustorff

Marta Ribeiro

Patrícia Manso

### TENORES

António Gonçalves

Artur Afonso

Frederico Projecto

Hugo Martins

Jaime Bacharel

Nuno Raimundo

### BAIXOS

Alexandre Gomes

Frederico Paes

Gonçalo Freitas

João Líbano Monteiro

Martim Líbano Monteiro

Miguel la Feria

# Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

## PRIMEIROS VIOLINOS

Francisco Lima Santos CONCERTINO

Maria Balbi <sup>1º</sup> SOLISTA

Alla Javoronkova

Ana Beatriz Manzanilla

Elena Ryabova

Maria José Laginha

Otto da Casa de Pereira

Margarida Queirós

Félix Duarte

Catarina Ferreira

## SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda <sup>1º</sup> SOLISTA

Zachary Spontak <sup>1º</sup> SOLISTA

Piotr Rachwał <sup>2º</sup> SOLISTA

Jorge Teixeira

Tera Shimizu

Stefan Schreiber

Gonçalo Melo

Bernardo Barreira

## VIOLAS

Samuel Barsegian <sup>1º</sup> SOLISTA

Lu Zheng <sup>1º</sup> SOLISTA

João Tiago Dinis <sup>2º</sup> SOLISTA

Nuno Soares

Sara Moreira

## VIOLONCELOS

Martin Henneken <sup>1º</sup> SOLISTA

Raquel Reis <sup>2º</sup> SOLISTA

Jeremy Lake

Leonor Moniz

Beatriz Raimundo\*

Maria Nabeiro\*

Tiago Mirra\*

Leonor Mouradian\*

## CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rêgo 2º SOLISTA

Marine Triolet

## FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

## OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA | CORNE INGLÊS

## CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José María Mosqueda 2º SOLISTA | CLARINETE BAIXO

## FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA | CONTRAFAGOTE

## TROMPAS

Duarte Moreira 1º SOLISTA

Telmo Rocha 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

## TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

Jorge Almeida 1º SOLISTA\*

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Telmo Barbosa 2º SOLISTA\*

## TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA | TROMBONE BAIXO

## TUBA

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

## TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

## PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Tomás Rosa 2º SOLISTA\*

Marco Fernandes 2º SOLISTA\*

Ryoko Imai 2º SOLISTA\*

## GUIARRA

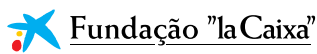
Gil Fesh 1º SOLISTA\*

## ACORDEÃO

Sergio Gladky 1º SOLISTA\*

\* Instrumentista convidado

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



# Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



